



A arrogância precede a ruína, e o espírito altivo, a queda “A maior parte das vezes patrocinada por interesses mais ou menos obscuros que pretendem tão-somente manter o estado das coisas, por motivações eleitoralistas várias, faz-se a apologia da "imagem da terra", fazendo de conta que está tudo bem e que o cheiro a podre que se sente por vezes é mera "ilusão olfactiva". Cria-se e vende-se a ilusão que navegamos num lago de cisnes, mas a verdade é que, por vezes, andamos a patinhar num charco de patos.

Ora todos sabemos que mesmo nas margens dos lagos mais cristalinos existe lama. E alguns também sabem que no fundo desses lagos, o que normalmente se deposita, é negro e fétido.”

Em 2009 concluí que as pessoas de uma forma geral, não estão para se aborrecerem com estas coisas. O que lhes for vendido com o beijo ou o abraço certo está perfeito.

Em 2013, contudo, volto a sentir uma certa irritação. A perspectiva redutora de quem despreza as opiniões contrárias irrita; Confundirem-se os meios com os fins, irrita; Justificarem-se os meios com os fins, irrita; Pensar-se que a memória se perde a intervalos de alguns anos, irrita. Na Suíça, a estrutura executiva do governo consistem num órgão designado por Conselho Federal, que é eleito pelo parlamento suíço. O Conselho é composto por sete membros e todos os cinco principais partidos estão obrigatoriamente representados. Assim, a distinção entre o partido do governo e da oposição é esbatida, uma vez que todos participam no órgão executivo do governo e conseqüentemente na gestão da coisa pública.

Em Portugal, PSD e PS vão discutindo uma eventual alteração da Lei que permita a existência de executivos monocores nas câmaras municipais... ou seja como diz um presidente das redondezas, "quem ganha a Câmara deve governar", isto é, "o partido mais votado deveria escolher o seu executivo" e afirma ainda que gosta "imenso do debate", mas nunca sentiu "que as várias vozes discordantes me tivessem incentivado em algum projecto..."

Em Portugal, as vontades e afinidades dos chamados políticos são condicionadas pelos incontornáveis ciclos eleitorais, e não pela real necessidade do País ou do Concelho.

E se hoje se diz que não se tem feito para se ser presidente, por exemplo, da Assembleia da República ou da Municipal, amanhã (leia-se dentro de quatro anos), as coisas já não são assim e até se tenta convencer quem nestas coisas pensa mandar, que é o Povo, que da sua eleição para o cargo pelo qual diziam não ter afinidade depende o futuro do País. Ou do Concelho.

Em Portugal, os chamados políticos dão hoje o braço a quem ontem desejaram ver enterrado nas mais recônditas profundezas e acham que isso é política séria... o que hoje fazem, amanhã desmentem, e depois de amanhã logo verão de que lado sopra o vento que traz os odores do banquete e o barulho dos tachos.

Em Portugal, comemoramos há 39 anos direitos. Exigimos direitos. Em momento algum destas comemorações, ao longo destes 39 anos, comemoramos deveres. Os deveres da Responsabilidade Cívica, da Solidariedade Inter-geracional, da Ética do Serviço Público, da Honestidade dos Titulares de Cargos Públicos. O Dever de Servir o País e não de usar o País. Aceitamos em lugar disso, todo o tipo de jogadas políticas, de demagogia, que teve apenas como único objectivo perpetuar no Poder toda uma classe de políticos para quem a dedicação à Causa Pública não passa de chavão para discursos de Tomada de Posse.

E com a desculpa que "a política é assim mesmo", dizem hoje uma coisa e amanhã fazem outra, convencidos de que o Povo esquece; tentam a todo o custo permanecer agarrados ao

Poder, saltitando entre cargos e funções, candidatando-se hoje àquilo que diziam ontem não lhes servir; menosprezam, desprezam quem com eles não está; defendem que sozinhos é que estão bem e que não precisam de quem como eles não pense.

Condicionam, contaminam, subvertem o espírito de Abril sempre que podem, conseguem, e lhes apetece. E aos homens livres, resta-lhes, hoje como há 39 anos atrás, irritarem-se.